

**Esclarecimento Metodológico:**

Este relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração nos números anteriormente divulgados. Além disso, os valores monetários são continuamente deflacionados, o que implica em mudanças de alguns resultados – por meio deste processo é que se obtém o **PIB a valores reais** atualizado para o período mais recente.

**PREÇOS E VOLUME EM ALTA CONTINUAM ELEVANDO A RENDA DO AGRONEGÓCIO MINEIRO EM 2010**

**Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D**

**Arlei Luiz Fachinello, Dr.**

**Adriana Ferreira Silva, Dra.**

*Equipe Cepea*

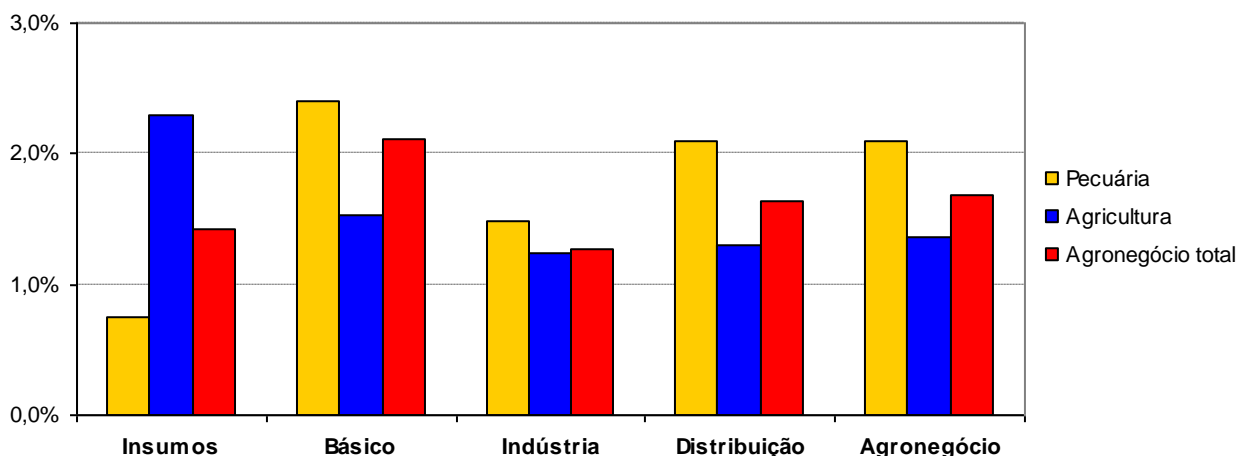
**1. Apresentação**

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa) cresceu 1,69% em novembro, ampliando para 14,01% a expansão da renda acumulada em 2010.

Em novembro o segmento de insumos continuou recuperando parte das perdas observadas até julho. No mês, os preços e volumes cresceram, aliviando o desempenho negativo que se acumula no ano. Enquanto os números de produção são agora positivos para o ano de 2010, os preços ainda estão abaixo dos obtidos em 2009, fazendo recuar a renda anual. Para as atividades dentro da porteira, os preços agrícolas e de animais continuam subindo.

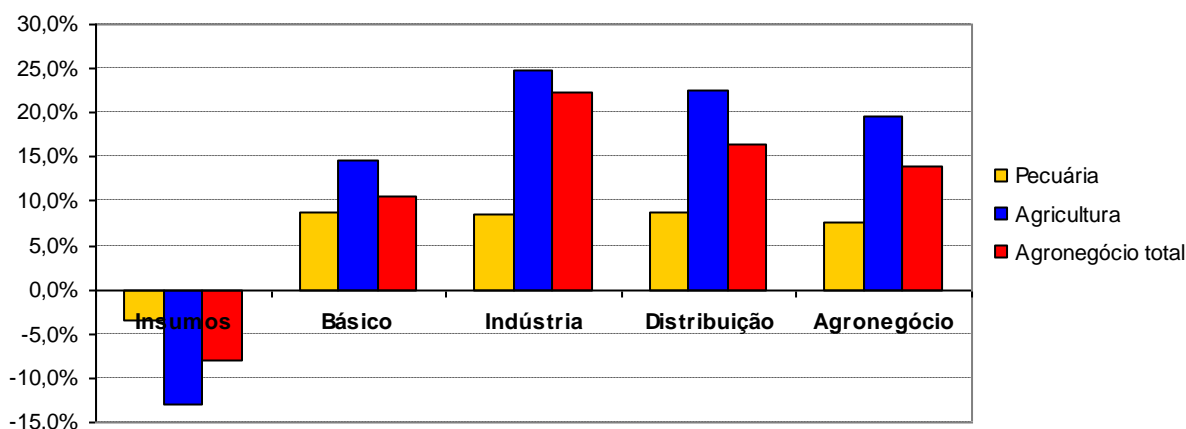
Em volume, as variações mais expressivas foram na mandioca e carvão vegetal. Os números mais recentes da pecuária, divulgados pelo IBGE, também contribuíram para ampliar o crescimento anual da produção animal.

Na agroindústria, os preços continuam subindo em ritmo acelerado, enquanto o volume sofre alguns ajustes. No ramo agrícola, açúcar e óleo de soja sofreram as maiores variações positivas nos preços. Na pecuária, as carnes apresentam aumentos elevados no mês. Acompanhando o ritmo de crescimento das atividades do segmento básico e da agroindústria, o segmento de distribuição também vem elevando seus ganhos em 2010 (Figuras 1 e 2).



**Figura 1 - Taxas de crescimento em novembro de 2010 (%).**

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.



**Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a novembro de 2010 (%).**

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

## 2. Resultados e discussão

### 2.1 Estimativas de valor do PIB do Agronegócio de MG

O agronegócio mineiro cresceu 14,01% de janeiro a novembro de 2010, em relação ao mesmo período de 2009, elevando a renda anual estimada para R\$ 102,9 bilhões (a preços de 2010). Desse valor, R\$ 57,8 bilhões ou 56,1% deverão ser gerados pelo agronegócio agrícola e R\$ 45,1 bilhões ou 43,9% pelo agronegócio da pecuária (Tabela 3).

### 2.2. Evolução dos segmentos que formam o PIB

O agronegócio da *agricultura* cresceu 1,37% em novembro, com todos os seus segmentos ganhando ritmo, elevando seu desempenho anual para 19,50%. O segmento de insumos apresentou forte crescimento, 2,30%, o que diminuiu para 12,98% o recuo anual. O segmento básico (“dentro da porteira”) cresceu 1,52% no mês, taxa similar à de outubro, o que amplia para 14,69% a expansão da sua renda no ano. O segmento agroindustrial da agricultura também cresceu, com taxa de 1,24%, elevando para 24,84% a expansão acumulada em 2010. O segmento de distribuição também aproveita o bom desempenho anual das atividades a montante, crescendo 1,30% em novembro e 22,44% no ano.

No agronegócio da *pecuária*, o crescimento do mês foi de 2,10%, sendo este o maior ritmo observado em 2010. Logo, nos onze primeiros meses do ano, a expansão da renda atinge taxa de 7,68%. Todos os seus segmento também melhoraram a *performance* nesse mês. O segmento de insumos pecuários apresentou expansão de 0,75%, diminuindo para 3,51% a retração de sua renda em 2010. Já o segmento básico cresceu 2,40%, maior ritmo do ano, o que amplia para 8,79% o crescimento anual. O segmento agroindustrial cresceu 1,48%, elevando para 8,43% a expansão acumulada. O segmento de distribuição apresentou aumento de 2,10% no mês, fechando os onze primeiros meses com crescimento de 8,67%.

- Insumos:

O segmento de insumos do agronegócio mineiro cresceu 1,42% em novembro, ritmo bem superior ao de outubro (0,23%). Aumentos de preços e volume ajudam a explicar a *performance* do mês. O bom desempenho de novembro também fez diminuir as perdas de renda acumuladas nos onze primeiros meses, atingindo agora taxa de -7,88%. A retração anual observada em 2010 apresenta a mesma dimensão da queda ocorrida em 2009.

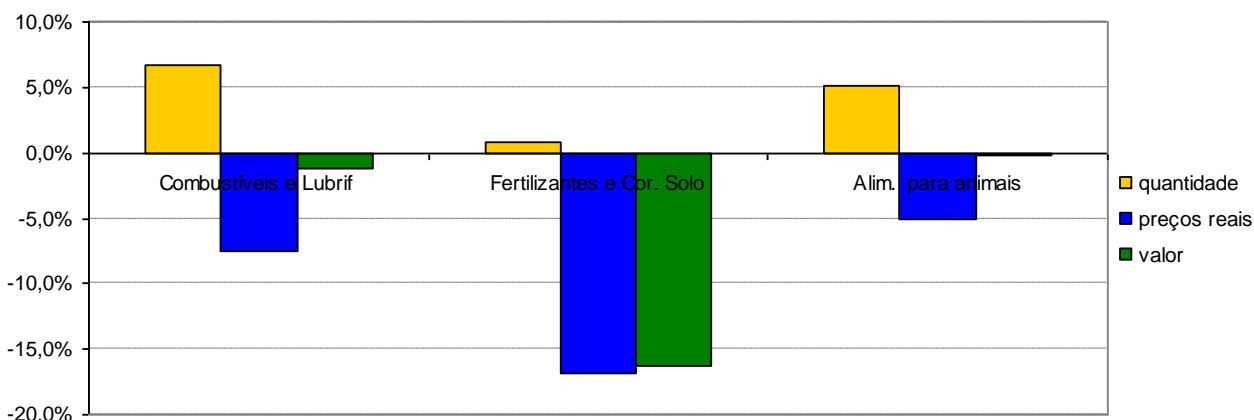
No grupo de insumos para a *agricultura*, o crescimento no mês foi de 2,30%, reduzindo a retração anual para 12,98%. No grupo de insumos para a *pecuária*, o crescimento foi de 0,75% (0,05% em outubro), fazendo recuar as perdas de renda anual para 3,51%. Tanto na agricultura quanto na pecuária, as quedas do segmento de insumos ocorrem em função dos preços reduzidos recebidos esse ano, já que os volumes apresentam crescimento.

Para fertilizantes e corretivos de solo, novembro foi um mês de crescimento em preços e volume. O significativo aumento das vendas no mês fez com que a média anual de produção em 2010 já seja maior que em 2009. O aumento de preços ajudou a reduzir as perdas acumuladas até o mês, que chegam a 16,8% em termos reais até novembro. Nos últimos meses, os preços dos fertilizantes comeram a subir, acompanhando o ritmo das commodities agrícolas.

Para os combustíveis e lubrificantes, o aumento de preços foi pequeno, mas acompanhado de ampliação do volume. Assim, passados onze meses de 2010, esses produtos já acumulam crescimento de 6,73% em volume e recuo de 7,45% em preços reais, deixando o faturamento real dessas atividades ainda com pequeno recuo quando comparado com o ano anterior.

Em Alimentos para animais houve o aumento mais expressivo em preços no mês de novembro: 4,72%. Mas isso não foi suficiente para garantir um preço médio maior para o ano, comparado com o mesmo período de 2009. O recuo médio de preços reais é agora de 5,06%. Juntamente com o recuo médio de preços, verifica-se um crescimento de quase mesma dimensão do volume, o que praticamente mantém o faturamento real nos mesmos níveis do ano anterior.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não-agropecuários para o ano de 2010, tomando-se como base os preços médios reais dos onze primeiros meses de 2010 em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção de 2010. Na Tabela 8 são apresentados os números dos setores que compõem o segmento.



**Figura 3 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento dos insumos não-agropecuários (%aa) – 2010/09**

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE).

- Atividades “dentro da porteira”:

O conjunto de atividades do segmento básico cresceu 2,11% em novembro, o que ampliou para 10,66% o crescimento da renda em 2010. O ritmo foi maior do que em outubro, especialmente na pecuária.

Nas atividades *agrícolas*, o crescimento em novembro foi 1,52%, com preços e volume em alta. Do lado dos preços, verificou-se elevação na maioria dos produtos, destacando-se o café, milho, soja, cana-de-açúcar, algodão e batata. Para o algodão e milho, o comportamento de preços no mês permitiu uma melhora significativa nos preços médios anuais desses produtos. Para o primeiro, essa elevação ampliou os ganhos reais já observados nos meses anteriores, ficando próximos de 40%. As altas foram impulsionadas pela restrição da oferta no mercado mundial e pelo aumento na demanda por parte de indústrias, principalmente da China. Já no caso do milho, a elevação de preços ajudou a diminuir o recuo médio anual de preços, que agora fica próximo de -5,0% em termos reais. Os preços no Brasil foram sustentados pela demanda firme. Nem mesmo os estoques de milho ainda elevados conseguiram segurar as altas frequentes das cotações do grão no Brasil. Novas estimativas indicando aumento da demanda mundial e recuo da produtividade das lavouras norte-americanas ajudaram a impulsionar as cotações.

Em volume, as variações no mês foram muito pequenas, destacando-se o recuo da produção de mandioca, em 3,01%.

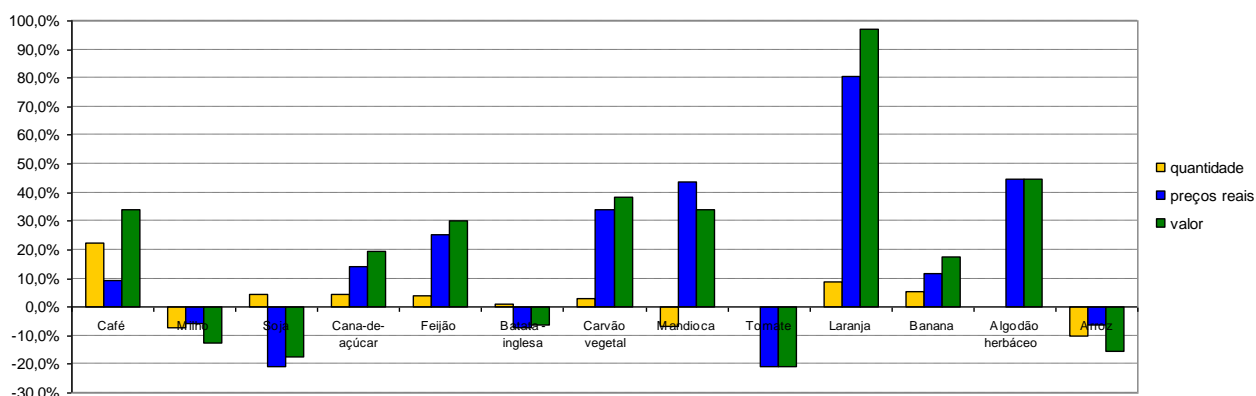
No acumulado dos onze primeiros meses, o conjunto das atividades agrícolas já acumula crescimento real de 14,69%, igualando-se à renda gerada em 2008. Para as atividades café, cana-de-açúcar, feijão, carvão vegetal, laranja, banana e algodão, os ganhos advêm de preços e volume em alta. Para Mandioca, o crescimento de preços supera as perdas de volume. Para os produtos milho, soja, batata, tomate e arroz, há perdas de faturamento real, com preços e volume recuando para milho e arroz, e apenas preços nos demais.

Na *pecuária*, houve aumento significativo de preços em novembro na bovinocultura e suinocultura. Com mais esse aumento, o crescimento dos preços no ano já chega a 6,24% para bovino macho, a 6,27% para bovino fêmea e a 16,56% para o suíno vivo. Mas esse desempenho

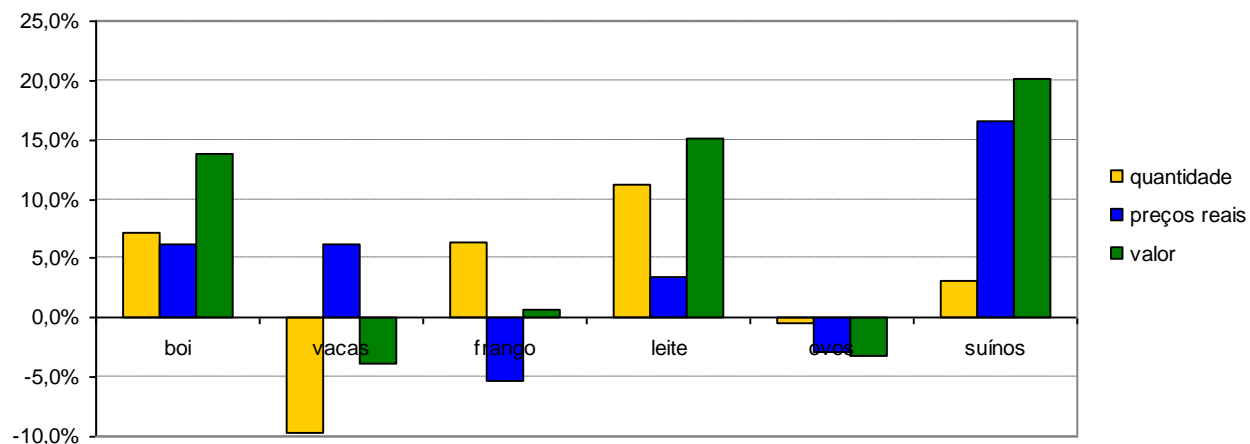
ainda não é suficiente para recuperar as perdas em preços observadas no ano anterior. Para a suinocultura, o recuo chegou a 27,38% em 2009.

Para a avicultura, a queda de preços de ovos em novembro prejudicou seu rendimento, fazendo recuar a média anual em relação a 2009. Assim, a produção de ovos apresenta perdas de aproximadamente 3,0% em faturamento real. Para o frango vivo, a média de preços recebidos vem melhorando, aproximando-se da obtida no ano anterior. A forte demanda, em especial por miúdos e certos cortes de frango, entre eles coração e asa (visando às festividades de final de ano), manteve as cotações elevadas no setor. Contando com um crescimento de volume próximo de 6,0%, a atividade já apresenta um pequeno ganho real em 2010.

Veja na Figura 5 a variação de volume, de preços reais e de faturamento das atividades primárias da pecuária mineira em 2010, tomando-se como base os preços médios dos onze primeiros meses deste ano em relação aos do mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção.



**Figura 4 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (%aa) – 2010/09**  
 Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).



**Figura 5 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (%aa) – 2010/09**  
 Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, Avimig e IBGE).

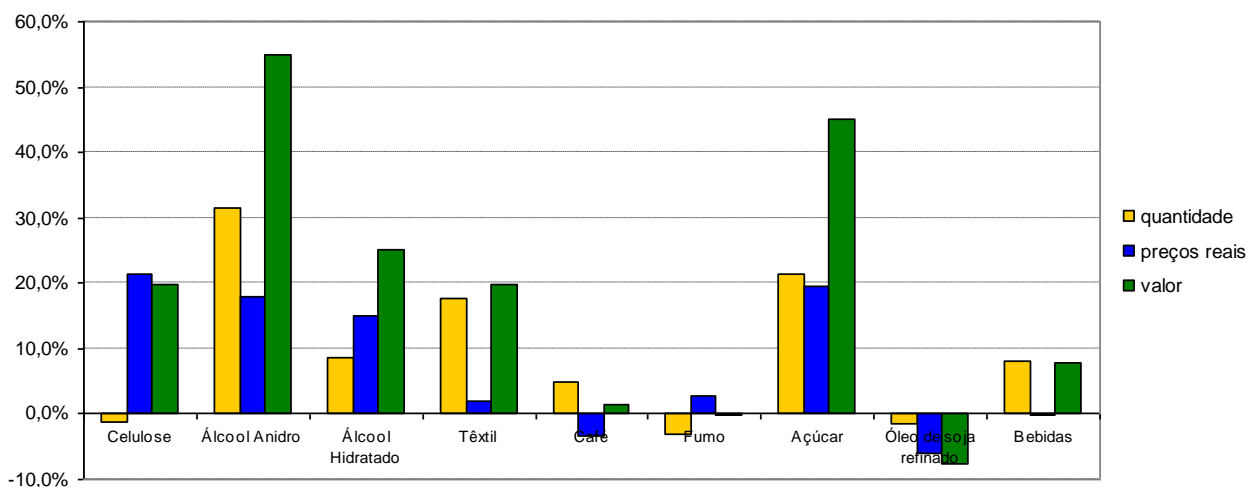
- Atividades da Agroindústria:

O segmento industrial do agronegócio mineiro cresceu 1,27% em novembro, ritmo um pouco maior que o de outubro. No ano, o crescimento da renda atinge 22,26%. Na agroindústria de base agrícola, a expansão foi de 1,24%, o que elevou para 24,84% o resultado anual. Em 2010, o crescimento ocorre na maioria das agroindústrias, diferente do que se passou em 2009, quando a expansão ficou bem mais concentrada na indústria de açúcar e etanol. Na agroindústria de base pecuária, o desempenho de novembro foi de +1,48%, ritmo bem maior do que o verificado em outubro. Assim, o crescimento anual da renda atinge taxa de 8,43%, melhor desempenho dos últimos três anos.

O crescimento de novembro foi apoiado pelo aumento dos preços de papel e celulose, têxteis, açúcar, óleo de soja e bebidas. As variações mais expressivas ocorreram em açúcar e óleo de soja, próximas de 5,0% no mês. Para o açúcar, dados mais recentes de produção e de volume exportado confirmam a percepção de que a oferta de açúcar no mercado interno tem sido restrita. Para o óleo de soja, a maior demanda internacional e as preocupações com a colheita da soja na Malásia pressionaram as cotações internamente. Na quantidade produzida, melhoram os indicadores de produção da indústria do fumo, óleo de soja e bebidas para 2010, o que também contribuiu para elevar o volume de produção da agroindústria. (ver Figura 6 e Tabela 11).

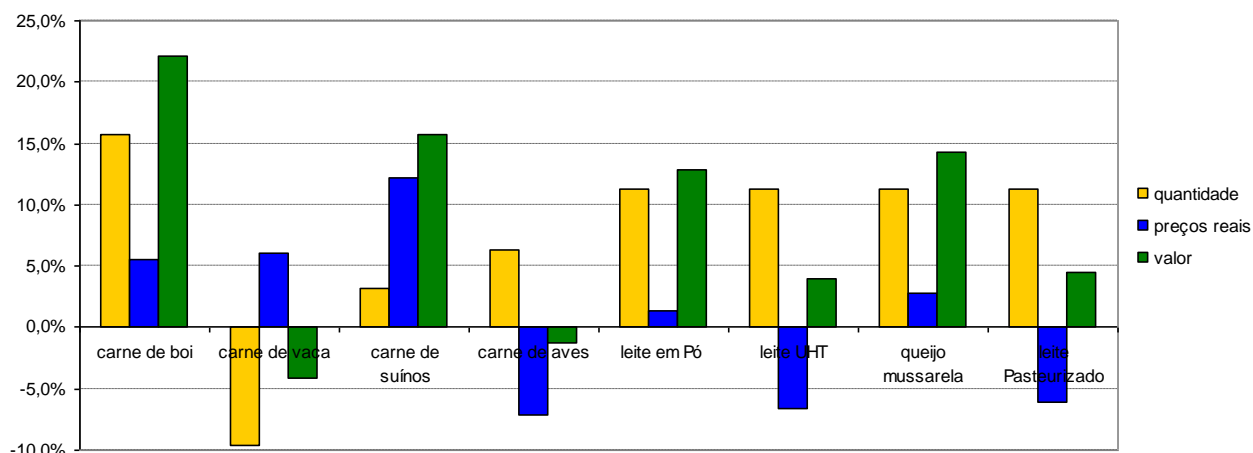
Na agroindústria de base pecuária, o crescimento de 1,48% em novembro foi baseado, especialmente, no intenso aumento de preços das carnes – um dos maiores dos últimos meses. A elevação chegou a aproximadamente 9,0% para a carne bovina e 8,0% para as carnes de aves e de suíno. Isso ajudou a melhorar a média de preços das carnes recebidas pela indústria em 2010 em relação a 2009, mas para a carne de frango, a média desse ano é ainda inferior. No grupo de produtos lácteos, somente queijo apresentou crescimento de preços em novembro, elevando a média anual. Já o leite em pó, com queda de preços no mês, derrubou a média anual.

No ano, a pecuária de corte, ganha com o aumento do faturamento real de carne de boi, baseando em aumento de preços e volume. Destaca-se o significativo recuo do abate de vacas. A suinocultura apresenta um dos maiores ganhos, com intensa elevação de preços, acompanhada de expansão do volume. Para a avicultura, os preços ainda pressionam negativamente as receitas. Por outro lado, o aumento das vendas ajuda a diminuir as perdas reais no ano. Para os produtos lácteos, o aumento dos preços e do volume eleva o faturamento real de leite em pó e queijo. Para o leite UHT e Leite pasteurizado, os preços reais ainda apresentam média anual inferior à verificada no ano anterior. (veja Figura 7 e Tabela 12).



**Figura 6. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria vegetal (%aa) – 2010/09**

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).



**Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (%aa) – 2010/09**

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

- Distribuição:

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio mineiro cresceu 1,63% em novembro, elevando para 16,34% a expansão anual. Em 2009, o desempenho em novembro era de -2,43%. No mês, as atividades dentro da porteira e da agroindústria ganharam ritmo, ampliando a distribuição de seus produtos.

O segmento de distribuição do setor agrícola apresentou expansão de 1,30% em novembro, ampliando para 22,44% a taxa acumulada no ano. Na pecuária, o crescimento foi de 2,10% em novembro, o que amplia para 8,67% a expansão da renda anual.

### Participações:

Em novembro, as participações dos segmentos na geração de renda no agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: insumos não-agropecuários: 5,85%, segmento básico: 35,88%, industrial: 27,21% e de distribuição: 31,06%.

No agronegócio da *agricultura*, as participações são: insumos não-agropecuários: 4,51%, básico: 21,78%, agroindústria: 41,35% e distribuição: 32,36%.

Já no agronegócio da *pecuária*, as participações são: insumos não-agropecuários: 7,61%; básico: 54,28%, agroindústria: 8,74% e distribuição: 29,37%.

### 2.3 Análises conjunturais gerais

No início de novembro, as negociações envolvendo **açúcar** cristal estiveram relativamente lentas. No final do mês, a liquidez aumentou, principalmente devido à maior demanda pelo açúcar

de cor mais escura por parte de indústrias de refrigerantes. Apesar desse cenário, os preços permaneceram praticamente estáveis no correr do mês – houve apenas, ligeiras variações diárias. Em novembro/10, a média do Indicador CEPEA/ESALQ para o estado de SP foi de R\$ 75,24/saca de 50 kg, quase 5% maior que a de outubro/10 e 34% superior à de novembro/09.

Dados de produção e de volume exportado em novembro confirmaram a percepção de que a oferta de açúcar no mercado interno era restrita. Bem diferente das previsões iniciais sobre a safra da região Centro-Sul brasileira, que chegavam a 570-590 milhões de toneladas de cana moída, de acordo com a Unica, a safra 2010/11 não deve chegar a 560 milhões. De 1º de abril a 1º de dezembro, a moagem somava 543,68 milhões de toneladas de cana (aumento de 8,86% sobre 2009/10), resultando em produção de 33,02 milhões de toneladas de açúcar (elevação de 24,61%).

Quanto às exportações, conforme dados da Secex, os embarques de açúcar bruto (VHP) totalizaram 3,1 milhões de toneladas em novembro, volume 3,5% superior ao de setembro e 25,4% maior que o de novembro/09. As vendas internas remuneraram mais do que as externas, com vantagem de 13%. No acumulado da safra (abril a novembro), foram embarcadas 16,1 milhões de toneladas de açúcar bruto (VHP), 25% a mais que no mesmo período de 2009 (12,9 milhões). Os embarques de açúcar branco somaram 5,5 milhões de toneladas no mesmo período, incremento de 21,1%. Quanto ao preço de exportação, também segundo dados da Secex, a média entre abril e novembro foi de US\$ 434,00/t (FOB) para o VHP, aumento de 29,9% sobre a média desse mesmo período em 2009 (US\$ 334,00/t); para o branco, a média foi de US\$ 841,00/t, alta de 25,9% (US\$ 382/t).

Os preços do **etanol** no estado de São Paulo tiveram sucessivos reajustes em novembro. O hidratado passou de R\$ 0,9830/litro para R\$ 1,0404/l, e o anidro, de R\$ 1,1828 para R\$ 1,1933/l no correr do mês. O mercado paulista de etanol iniciou o mês com poucas usinas ofertando no mercado spot, enquanto outras continuavam produzindo e estocando o combustível. Das distribuidoras, somente algumas estiveram ativas nas compras.

O Indicador mensal CEPEA/ESALQ do anidro (estado de SP) subiu 1,02% frente a dezembro, com cotação média de R\$ 1,1852/litro (sem impostos). O Indicador CEPEA/ESALQ para o hidratado subiu 2,38% no período, com média de R\$ 1,0010/litro (sem impostos).

Conforme dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) divulgados no final de novembro, 76 usinas da região tinham encerrado a moagem, sendo que, no mesmo período de 2009, apenas 17 unidades pararam – a colheita foi acelerada pela estiagem. Até primeiro de dezembro, dados da Unica apontavam que 55% da cana da região Centro-Sul havia sido utilizada na fabricação de etanol, percentual ligeiramente inferior aos 56,3% de 2009/10. A produção de etanol anidro e hidratado cresceu 24,61% e 10,19%, respectivamente, em relação ao período correspondente do ano-safra anterior (início de abril a final de novembro). A produção total de etanol atingiu 24,72 milhões de m<sup>3</sup>, sendo que, deste montante, 17,51 milhões de m<sup>3</sup> referem-se a hidratado e 7,21 milhões de m<sup>3</sup> a anidro.

A restrição de oferta e a demanda firme elevaram expressivamente as cotações do **algodão** no Brasil e no mundo nas duas primeiras semanas de novembro. Assim, em meados do mês, foram registrados novos recordes nominais do Indicador e dos preços externos. Já na segunda quinzena do mês, as cotações caíram. Com os preços externos em queda, as paridades de importação e exportação recuaram. Apesar dessas baixas, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias acumulou expressiva alta de 11,32% em novembro, com média mensal de R\$ 2,7112/lp.

No mercado de fios, agentes comentavam que o mês iniciou com a demanda aquecida, sendo, provavelmente, reflexo do retorno de compradores que haviam se retraído em outubro. A procura no correr de novembro, contudo, ainda esteve abaixo da verificada no mesmo período de 2009.

Quanto à safra 2010/11, a produção brasileira a ser colhida a partir de junho deve chegar a 1,835 milhão de toneladas, um recorde, segundo dados da Conab, representando aumento de

53,7%. Em termos mundiais, a produção deve crescer 13,7%, segundo o USDA, para 25,1 milhões de toneladas.

Os preços do **café arábica**, em novembro, registraram aumentos expressivos. A média mensal do Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor, posto na capital paulista, foi de R\$ 355,51/saca de 60 kg em novembro, aumento de 8,7% em relação à de outubro. Os preços do arábica tipo 6 estão em patamares relativamente altos desde o início da safra 2010/11, em meados de junho. Daquele mês até o final de novembro, as cotações (médias mensais) deste padrão avançaram significativos 16%. Já os preços do café tipo 7 (bebida rio) estão nos mesmos patamares – próximo dos R\$ 220,00/saca de 60 kg.

As cotações do **café robusta** tipo 6 são as maiores desde setembro de 2009 – em termos nominais. Em janeiro de 2009, o robusta tipo 6 peneira 13 acima era negociado próximo dos R\$ 230,00/sc, mas começou a recuar, chegando a ficar abaixo de R\$ 150,00 em novembro/09. Houve alguma recuperação, mas, em abril de 2010, voltou a oscilar em torno de R\$ 155,00, pressionado pela maior oferta na temporada.

Segundo a Conab, a produtividade dos cafezais do Espírito Santo avançou cerca de 5% nas últimas duas safras (2010/11 sobre 2008/09). A desvalorização do robusta nacional refletiu também sua baixa competitividade no mercado internacional em função do câmbio, o que levou à diminuição das exportações. Como agravante, o produtor enfrentou ainda o aumento do custo de produção.

Os preços do **milho** subiram no mercado brasileiro em novembro. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas – SP) valorizou 7% no acumulado do mês, fechando a R\$ 28,62/sc de 60 kg no dia 30. Na média das regiões pesquisadas pelo Cepea, houve reação de 6,5% no mercado de balcão (ao produtor) e de 6% no de lotes (negociação entre empresas).

De modo geral, os preços no Brasil foram sustentados pela demanda firme, favorecida, em alguns momentos, pela intervenção governamental, que ofertou milho a preços praticamente iguais aos verificados no mercado spot. Nem mesmo os estoques de milho ainda elevados conseguiram segurar as altas das cotações do grão no Brasil.

No mercado externo, nos momentos de alta, as cotações do grão foram influenciadas pelas notícias de que a produtividade das lavouras norte-americanas deve ficar aquém da esperada. Estimativas também indicaram um possível aumento da demanda mundial pelo cereal. Além disso, a firmeza nos preços internacionais do trigo, o aumento do percentual para a produção do etanol e a grande necessidade do milho para a composição da ração e alimentação humana nos Estados Unidos também sustentaram as cotações externas do cereal.

No início de novembro, o clima favoreceu o avanço dos trabalhos de campo na maioria das regiões produtoras de milho verão no Brasil, com preocupações apenas no Rio Grande do Sul e em parte do Triângulo Mineiro, onde os índices pluviométricos foram menores. No agregado, considerando-se as safras verão e safrinha, a Conab projetou que a produção no ano-safra 2010/11 seja de 52,3 milhões de toneladas (6,6% menor que a 2009/10) e que a demanda interna atinja 46,5 milhões de toneladas (+1,5%).

As negociações de **soja em grão** seguiram lentas no mercado físico em novembro, como normalmente acontece naquele período de entressafra. As atenções de agentes estiveram voltadas ao clima na América do Sul, que necessita de mais chuvas. Enquanto isso, agentes brasileiros estiveram apostando nas vendas antecipadas, garantindo rentabilidade para grande parte da produção, uma vez que os preços estavam em patamares elevados.

No acumulado de novembro, o Indicador CEPEA/ESALQ da soja (média de cinco regiões do Paraná) subiu 2,7%, fechando em R\$ 48,69/sc de 60 kg no dia 30. Para o produto transferido no porto de Paranaguá, representado pelo Indicador ESALQ/BM&FBovespa, a alta também foi de 2,7% no mês, fechando a R\$ 49,20/sc no dia 30. Na média das regiões pesquisadas pelo Cepea, em novembro, os preços subiram 4,1% no mercado de balcão e 4% no de lotes.

Em relação ao mercado de derivados da soja, notícias de que a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) faria um novo leilão de biodiesel para amenizar as inadimplências observadas no semestre influenciaram as cotações do óleo de soja no Brasil. Além disso, o maior volume de negócios envolvendo o derivado foi favorecido pela boa demanda internacional e pelas preocupações com a colheita na Malásia, onde a chuva dificultou os trabalhos em novembro.

O óleo de soja, posto em São Paulo, com 12% de ICMS, teve média de R\$ 2.311,55/t no dia 30 de novembro, com alta de 6% no acumulado do mês. Para o farelo de soja, na média das regiões pesquisadas pelo Cepea, o aumento foi de 5,7% em novembro.

Quanto às exportações, segundo dados da Secex, em novembro, o Brasil embarcou 301,3 mil toneladas de soja, volume 70,27% menor que o de outubro, mas 62,13% maior que o de novembro de 2009. Já de farelo, a quantidade exportada foi de 1,06 milhão de toneladas, 13,76% abaixo da de outubro, porém 41,84% acima da quantidade de novembro do ano passado. De óleo, o volume exportado em novembro foi de 121,2 mil toneladas, 25,7% maior que no mês anterior e expressivos 170,6% acima do volume de novembro de 2009.

Depois de um longo período de consecutivas altas, os preços da arroba fecharam o mês de novembro em queda. No acumulado do período, o Indicador do **boi gordo** ESALQ/BM&FBovespa (São Paulo, à vista – CDI) recuou 6,83%, passando de R\$ 113,12 no dia 29 de outubro para R\$ 105,39 no dia 30 de novembro. As cotações também caíram na maioria das regiões consultadas pelo Cepea.

Vale lembrar que, até meados de novembro, as cotações da arroba estavam em alta, atingindo patamares que surpreenderam agentes do setor pecuário. Já a partir da terceira semana de novembro, os preços caíram. De modo geral, o aumento pontual da oferta por parte de alguns pecuaristas acabou pressionando as cotações.

A queda nos preços da arroba também esteve atrelada à pressão de compradores. Representantes de muitos frigoríficos relataram forte dificuldade de venda da carne no atacado, devido à resistência de consumidores aos elevados patamares de preços, especialmente dos cortes “menos nobres”. Com as vendas de carne em ritmo mais lento, os estoques aumentaram, fazendo com que muitos frigoríficos reduzissem a compra de animais.

No mercado atacadista da Grande São Paulo, o dianteiro e a carcaça casada da vaca registraram as maiores desvalorizações em novembro, de expressivos 18,92% e 10,61%, respectivamente, negociados a R\$ 4,50/kg e a R\$ 5,90/kg no final do mês. O valor médio do traseiro caiu 3,66% no período, para R\$ 8,43/kg, e o da ponta de agulha, 8,33%, indo para R\$ 4,95/kg no dia 30. Por sua vez, a carcaça casada de boi recuou 8,8% no acumulado de novembro, com o quilo indo para R\$ 6,45/kg no último dia do mês – no dia 10 de novembro, a média chegou ao recorde de R\$ 7,36/kg.

Já os preços do **suíno vivo** acumularam alta em todas as praças consultadas pelo Cepea em novembro, seguindo o ritmo do mês anterior. Há pelo menos três fatores relevantes para esse comportamento. Um deles são as cotações da carne bovina, que continuaram sendo reajustadas no atacado da capital paulista até 10 de novembro. Mesmo com os recuos em boa parte de novembro, as cotações da carne de boi ainda estavam altas no comparativo histórico. Outro fator que influenciou os preços internos do suíno foram as exportações. Apesar de terem sido menores que as de outubro, reduziram a disponibilidade interna. Por fim, contribuiu para as altas do mercado de suínos a composição de estoques de varejistas atentos ao aumento das vendas para as festividades de dezembro.

Entre o último dia de outubro e 30 de novembro, o indicador do suíno vivo CEPEA/ESALQ do estado de São Paulo registrou alta de 8,6%, indo para R\$ 3,57/kg. Em Minas Gerais, a média encerrou novembro a R\$ 3,53/kg, o que representou alta de 3,5% no mês. Em ambos os estados, novembro foi o quarto mês consecutivo de valorização.

Quanto à carne suína, no atacado da capital paulista, a carcaça especial suína teve, em novembro, média de R\$ 5,40/kg, o que representa aumento de 7,8% sobre a média de outubro. Para a comum, a valorização também foi de 7,8%, com a média mensal em R\$ 5,12/kg.

Apesar de preços externos maiores, as exportações nacionais registravam quedas desde setembro. Em novembro/10, empresas do País embarcaram 36,1 mil toneladas de carne suína in natura, volume quase 15% inferior ao de outubro/10 e 20,3% menor que o de novembro/09 – dados da Secex.

No mercado de **frango**, o resfriado, também no atacado paulistano, valorizou 14,2%, encerrando o mês a R\$ 3,18/kg. No dia 23, no entanto, chegou a R\$ 3,24/kg. No segmento de frango congelado, o preço médio no atacado da Grande SP passou R\$ 3,09 no final de outubro para R\$ 3,39/kg em 30 de novembro, cotação máxima do mês – alta acumulada de 9,7%. Em novembro, de acordo com dados da Secex, foram enviadas ao exterior 285,7 mil toneladas de carne de frango in natura, volume 2,6% inferior ao de outubro. Quanto à receita, o montante recebido por empresas exportadoras foi de US\$ 518,70 milhões (R\$ 889,05 milhões). A receita em dólar teve aumento de 5,7% frente à de outubro e, em reais, de 7,6%.

Em termos nominais, em um ano (30nov/09 - 30nov/10), a carcaça casada bovina teve alta de 37,2%, o frango resfriado, de 24% e a carcaça comum suína, de 38%.

### 3. Conclusões e recomendações

O agronegócio mineiro apresentou crescimento de 1,69% em novembro. Seguindo um ritmo de expansão em aceleração, o grupo de atividades já apresenta ampliação de 14,01% na renda de 2010, comparativamente à renda gerada em 2009. Para a economia mineira, segundo estimativas da Fundação João Pinheiro, o crescimento real em 2010 deve ficar próximo de 10%. Já para a economia brasileira, esse número fica próximo de 7,0%

O bom desempenho verificado em 2010 é similar ao apresentado pelo agronegócio estadual em 2006, quando o crescimento foi de 15,22%, com os segmentos crescendo a taxas próximas das atuais. Esses resultados são os melhores desde 2002, quando o Cepea iniciou o acompanhamento.

Entre os segmentos, os maiores ganhos aparecem na agroindústria, especialmente de base agrícola, que apresenta preços e volumes aumentando em ritmo não muito diferente. Para a agroindústria de base pecuária, os ganhos atuais ocorrem basicamente em função do aumento da produção, já que os preços médios para o conjunto das atividades se mantêm no mesmo patamar do ano anterior. Destaca-se que, para o leite e carne de aves, há recuo de preços médios recebidos, enquanto para as carnes bovina e suína o cenário é de alta.

Para as atividades “dentro da porteira”, o ritmo de ganhos em 2010 é elevado. O produtor é beneficiado pelo menor ritmo de crescimento dos custos, especialmente fertilizantes. Porém, esses preços começam a subir com mais intensidade, o que deve ampliar os custos de produção para o próximo ano. O lado positivo é que as perspectivas de bons preços ainda continuam.

#### 4. Tabelas de dados

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2010/2009(%)

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	0,39	-1,33	0,38	-0,52	-0,56
fev/09	0,22	-1,05	0,58	-0,30	-0,35
mar/09	0,84	-1,31	0,10	-0,60	-0,60
abr/09	-1,46	-1,88	-0,03	-0,98	-1,14
mai/09	-2,50	-1,51	-0,14	-0,85	-1,07
jun/09	-4,07	-1,68	0,23	-0,72	-1,12
jul/09	-2,02	-1,09	0,60	-0,21	-0,48
ago/09	0,12	-1,03	0,68	-0,14	-0,26
set/09	-1,14	-1,33	1,17	-0,04	-0,30
out/09	0,72	-0,07	1,82	0,88	0,75
nov/09	1,01	0,04	1,99	1,05	0,92
jan/10	-1,63	0,41	2,70	1,58	1,21
fev/10	-1,47	0,74	3,84	2,32	1,87
mar/10	-1,84	1,30	2,40	1,87	1,55
abr/10	-1,19	1,83	2,38	2,11	1,86
mai/10	-1,47	0,59	1,70	1,20	0,94
jun/10	-1,82	0,14	1,45	0,84	0,59
jul/10	-1,87	0,34	1,14	0,71	0,54
ago/10	0,10	0,35	1,27	0,81	0,73
set/10	1,46	0,74	1,00	0,85	0,89
out/10	0,23	1,63	1,17	1,35	1,33
nov/10	1,42	2,11	1,27	1,63	1,69
Acum. no ano (2009)	-7,75	-11,60	7,60	-2,43	-4,16
Acum. no ano (2010)	-7,88	10,66	22,26	16,34	14,01

	AGRICULTURA				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	0,78	-2,47	0,70	-0,23	-0,39
fev/09	0,48	-2,30	0,94	0,01	-0,20
mar/09	1,07	-2,54	0,26	-0,52	-0,61
abr/09	-2,20	-2,14	0,27	-0,39	-0,71
mai/09	-4,14	-1,75	0,11	-0,39	-0,81
jun/09	-7,08	-2,03	0,51	-0,17	-0,86
jul/09	-4,17	-1,41	0,75	0,18	-0,27
ago/09	-0,19	-1,14	0,85	0,34	0,16
set/09	-1,67	-1,72	1,48	0,67	0,28
out/09	1,36	0,60	2,15	1,76	1,63
nov/09	1,54	-0,54	2,25	1,57	1,38
jan/10	-2,84	0,54	3,08	2,48	1,97
fev/10	-2,59	0,91	4,39	3,58	2,97
mar/10	-3,49	1,24	2,58	2,28	1,86
abr/10	-2,17	2,16	2,50	2,42	2,15
mai/10	-2,60	0,93	1,81	1,61	1,33
jun/10	-3,08	0,74	1,64	1,44	1,16

jul/10	-2,68	1,87	1,40	1,50	1,34
ago/10	0,25	1,27	1,49	1,44	1,37
set/10	2,89	1,13	1,14	1,13	1,21
out/10	0,47	1,49	1,19	1,25	1,24
nov/10	2,30	1,52	1,24	1,30	1,37
Acum. no ano (2009)	-13,69	-16,16	10,74	2,85	-0,44
Acum. no ano (2010)	-12,98	14,69	24,84	22,44	19,50

	PECUÁRIA				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	-0,01	-0,75	-1,08	-0,85	-0,75
fev/09	-0,06	-0,42	-1,12	-0,65	-0,52
mar/09	0,61	-0,70	-0,64	-0,68	-0,58
abr/09	-0,70	-1,75	-1,50	-1,67	-1,62
mai/09	-0,84	-1,40	-1,34	-1,38	-1,34
jun/09	-1,13	-1,51	-1,12	-1,38	-1,41
jul/09	-0,04	-0,93	-0,17	-0,69	-0,72
ago/09	0,40	-0,97	-0,22	-0,73	-0,72
set/09	-0,68	-1,15	-0,38	-0,90	-0,97
out/09	0,16	-0,38	0,10	-0,23	-0,25
nov/09	0,53	0,32	0,56	0,40	0,38
jan/10	-0,60	0,36	0,63	0,44	0,32
fev/10	-0,54	0,66	0,77	0,70	0,58
mar/10	-0,49	1,33	1,34	1,33	1,18
abr/10	-0,41	1,68	1,73	1,69	1,51
mai/10	-0,58	0,43	1,06	0,64	0,47
jun/10	-0,86	-0,14	0,36	0,03	-0,10
jul/10	-1,27	-0,38	-0,42	-0,39	-0,45
ago/10	-0,01	-0,09	-0,04	-0,07	-0,07
set/10	0,41	0,55	0,20	0,43	0,47
out/10	0,05	1,70	1,03	1,48	1,45
nov/10	0,75	2,40	1,48	2,10	2,10
Acum. no ano (2009)	-1,75	-9,25	-6,73	-8,44	-8,20
Acum. no ano (2010)	-3,51	8,79	8,43	8,67	7,68

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2010

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	14,38	4,52	5,92	4,40	5,39
2003	14,51	4,78	10,41	7,20	7,47
2004	7,83	21,11	-5,97	7,01	9,33
2005	1,27	-12,53	8,16	-2,80	-4,38
2006	-2,59	12,93	22,58	16,57	15,22
2007	13,64	6,75	0,22	4,55	4,85
2008	32,75	13,01	6,16	9,39	11,54
2009	-9,14	-11,39	7,25	-2,43	-4,26
2010*	-7,88	10,66	22,26	16,34	14,01

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	9,46	3,22	8,83	6,97	6,64
2003	15,74	-0,61	12,46	8,29	7,64
2004	9,77	20,95	-8,04	0,46	3,26
2005	-3,45	-5,95	9,10	3,78	2,08
2006	-6,51	-1,71	27,87	18,40	14,54
2007	22,39	-1,15	-3,63	-2,97	-1,56
2008	38,66	18,31	5,78	9,17	11,88
2009	-16,37	-17,60	10,17	2,03	-1,46
2010*	-12,98	14,69	24,84	22,44	19,50

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	19,21	5,39	-5,38	1,32	3,90
2003	13,40	8,31	1,24	5,81	7,26
2004	6,04	21,20	4,34	15,51	16,80
2005	5,76	-16,47	4,02	-10,22	-11,40
2006	0,82	22,83	-1,67	14,17	16,06
2007	6,59	11,03	23,20	14,74	12,76
2008	27,27	10,46	7,96	9,64	11,18
2009	-1,86	-8,18	-6,08	-7,51	-7,30
2010*	-3,51	8,79	8,43	8,67	7,68

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

\* Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a novembro de 2010

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2010 (R\$ milhões de 2010)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	3.466	23.539	13.932	18.193	59.129
2002	3.965	24.603	14.756	18.994	62.318
2003	4.540	25.779	16.293	20.361	66.972
2004	4.895	31.220	15.320	21.788	73.223
2005	4.958	27.309	16.570	21.179	70.015
2006	4.829	30.841	20.312	24.687	80.669
2007	5.488	32.924	20.356	25.812	84.580
2008	7.285	37.208	21.610	28.235	94.339
2009	6.619	32.972	23.178	27.549	90.317
2010*	6.097	36.469	28.338	32.044	102.948

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.717	9.438	11.080	9.926	32.161
2002	1.879	9.743	12.058	10.618	34.298
2003	2.175	9.683	13.561	11.498	36.917
2004	2.388	11.711	12.470	11.550	38.120
2005	2.305	11.014	13.605	11.988	38.912
2006	2.155	10.826	17.396	14.194	44.570
2007	2.637	10.701	16.764	13.771	43.874
2008	3.657	12.661	17.733	15.034	49.085
2009	3.058	10.433	19.536	15.339	48.366
2010*	2.662	11.948	24.389	18.775	57.774

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.750	14.100	2.851	8.267	26.968
2002	2.086	14.861	2.698	8.376	28.020
2003	2.365	16.096	2.732	8.863	30.055
2004	2.508	19.508	2.850	10.237	35.104
2005	2.652	16.295	2.965	9.191	31.103
2006	2.674	20.016	2.915	10.494	36.099
2007	2.850	22.223	3.592	12.040	40.705
2008	3.628	24.548	3.878	13.201	45.254
2009	3.561	22.539	3.642	12.210	41.952
2010*	3.436	24.521	3.949	13.269	45.175

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

\* tomando como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a novembro de 2010.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,25	6,94	8,56	9,20
2003	9,57	11,48	7,45	8,82	9,28
2004	10,02	14,02	6,67	9,13	9,89
2005	11,31	13,60	7,20	9,18	9,92
2006	11,37	15,69	8,59	10,59	11,38
2007	11,38	14,93	8,25	10,36	11,06
2008	12,59	14,68	8,73	10,90	11,54
2009	13,10	13,55	9,92	11,07	11,64
2010*	12,26	14,32	11,33	12,25	12,61

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,39	6,73	6,93	7,22
2003	7,03	7,19	7,31	7,16	7,21
2004	7,51	8,85	6,38	6,92	7,24
2005	8,51	9,85	6,92	7,46	7,84
2006	8,10	9,71	8,50	8,53	8,75
2007	8,63	8,55	7,89	7,85	8,07
2008	9,56	8,62	8,37	8,36	8,51
2009	9,59	7,63	9,75	8,89	8,93
2010*	8,68	8,43	11,23	10,23	10,08

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,54	8,04	12,19	13,87
2003	14,35	17,88	8,22	12,62	14,32
2004	14,71	21,58	8,32	14,25	16,44
2005	15,85	18,30	8,84	13,10	14,85
2006	16,84	23,53	9,12	15,73	18,08
2007	16,14	23,31	10,43	16,36	18,42
2008	18,48	23,03	10,89	16,64	18,77
2009	19,08	21,15	11,00	16,02	17,88
2010*	18,04	21,69	11,93	16,99	18,57

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

\* Participações com base nos PIBs até outubro de 2010.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais para o ano de 2010.

Segmento Básico					
Agricultura		Part. % 2010	Pecuária		Part. % 2010
Café		33,67	Leite cru ou resfriado adquirido		26,90
Cana-de-açúcar		12,49	Boi vivo		35,89
Milho		11,63	Frango vivo		10,65
Soja		12,67	Vaca viva		16,96
Carvão vegetal		7,84	Suíno vivo		6,39
Feijão		5,47	Ovos de galinha		3,21
Batata – inglesa		6,81			
Banana		3,17			
Tomate		3,01			
Laranja		1,04			
Algodão herbáceo		0,96			
Mandioca		0,76			
Arroz		0,47			
	Total	100,00		Total	100,00

Segmento Insumos					
Insumos para a Pecuária		Part. % 2010	Insumos para a Agricultura		Part. % 2010
Alimentos para animais		65,73	Adbos, Fert. e Cor. Solo		85,75
Adbos, Fert. e Cor. Solo		21,58	Combustíveis e Lubrif.		14,25
Combustíveis e Lubrificantes		12,68			
	Total	100,00		Total	100,00

Segmento Industrial					
Indústria da Pecuária		Part. % 2010	Indústria Agrícola		Part. % 2010
Leite UHT		19,63	Álcool hidratado		32,52
Leite em Pó Industrial integral		13,81	Indústria do açúcar		22,64
Queijo mussarela		14,62	Álcool anidro		10,35
Carne de aves		15,80	Celulose, papel e produtos de papel		12,18
Carne de boi		15,30	Indústria do café		9,53
Carne de suíno		9,31	Indústria têxtil		4,43
Carne de vaca		6,96	Óleos vegetais refinado		4,56
Leite Pasteurizado		4,55	Indústria de bebidas		3,21
	Total	100,00	Indústria do fumo		0,57
				Total	100,00

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de novembro de 2010 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	0,75	2,40	1,48	2,10	2,10
Agricultura	2,30	1,52	1,24	1,30	1,37
Agronegócio total	1,42	2,11	1,27	1,63	1,69

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a novembro de 2010 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	-3,51	8,79	8,43	8,67	7,68
Agricultura	-12,98	14,69	24,84	22,44	19,50
Agronegócio total	-7,88	10,66	22,26	16,34	14,01

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (%aa) – 2010/09

	Combustíveis e Lubrificantes	Fertilizantes e Corretivos de Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	6,73		0,77
Preços reais	-7,45		-16,85
Valor	-1,23		-16,21

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (%aa) – 2010/09

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – Inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	22,25	-7,33	4,35	4,47	3,75	0,86	3,14	-6,58	0,02	8,97	5,30	0,08	-10,13
Preços reais	9,45	-5,62	-20,70	14,36	25,32	-6,97	34,14	43,61	-20,98	80,71	11,66	44,72	-6,09
Valor	33,80	-12,54	-17,25	19,46	30,01	-6,17	38,35	34,16	-20,96	96,92	17,58	44,84	-15,61

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (%aa) – 2010/09

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	7,17	-9,60	6,34	11,29	-0,40	3,14
Preços reais	6,24	6,27	-5,36	3,44	-2,83	16,56
Valor	13,85	-3,92	0,65	15,12	-3,22	20,21

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (%aa) – 2010/09

	Celulose	Alcool Anidro	Alcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	-1,34	31,46	8,76	17,64	5,00	-3,03	21,30	-1,61	8,06
Preços reais	21,43	17,90	15,00	1,85	-3,28	2,88	19,55	-5,97	-0,16
Valor	19,80	54,99	25,07	19,82	1,56	-0,24	45,01	-7,48	7,89

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (%aa) – 2010/09

	Carne de Boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo Mussarela	Leite Pasteurizado
Quantidade	15,74	-9,60	3,14	6,34	11,29	11,29	11,29	11,29
Preços reais	5,53	6,01	12,25	-7,10	1,41	-6,59	2,75	-6,09
Valor	22,14	-4,16	15,77	-1,21	12,86	3,96	14,35	4,51

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2010 (R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.587	8.149	10.489	34.415
2003	3.079	17.482	11.049	13.807	45.417
2004	3.632	23.162	11.366	16.165	54.325
2005	3.897	21.469	13.027	16.650	55.044
2006	3.862	24.664	16.244	19.743	64.514
2007	4.612	27.668	17.107	21.691	71.078
2008	6.810	34.780	20.200	26.393	88.183
2009	6.298	31.373	22.054	26.213	85.937
2010*	6.097	36.469	28.338	32.044	102.948

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.380	6.659	5.864	18.941
2003	1.475	6.567	9.196	7.797	25.035
2004	1.771	8.689	9.252	8.569	28.281
2005	1.812	8.659	10.696	9.424	30.591
2006	1.723	8.657	13.912	11.351	35.644
2007	2.216	8.993	14.088	11.573	36.871
2008	3.418	11.835	16.575	14.053	45.882
2009	2.910	9.927	18.588	14.595	46.020
2010*	2.662	11.948	24.389	18.775	57.774

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121
2002	1.152	8.207	1.490	4.626	15.474
2003	1.604	10.915	1.852	6.010	20.382
2004	1.861	14.473	2.115	7.595	26.044
2005	2.085	12.811	2.331	7.226	24.452
2006	2.139	16.007	2.332	8.392	28.869
2007	2.395	18.675	3.018	10.118	34.207
2008	3.391	22.946	3.625	12.340	42.301
2009	3.388	21.446	3.465	11.618	39.917
2010*	3.436	24.521	3.949	13.269	45.175

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

\* tomando como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a novembro de 2010.